



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 16 DE ABRIL DE 1996

Senhores Ministros da Aeronáutica, do Exército, da Marinha; Senhores Ministros aqui presentes; Senhores Almirantes, Generais Brigadeiros; Senhoras e Senhores;

É com muita satisfação que recebo esse quarto grupo de oficiais-generais promovidos por mim. E, mais do que o reconhecimento de seus méritos pessoais, esta sessão representa a vontade da Nação de investir no futuro das Forças Armadas, com base na capacidade do seu pessoal.

A idéia correta do futuro, à parte os imponderáveis que fogem do alcance de qualquer estimativa, requer a compreensão inteligente das tendências que o presente delinea. E isso é especialmente importante no campo de sua profissão.

Além das destinações clássicas das Forças Armadas, os tempos atuais trouxeram desafios à soberania e ameaças à estrutura social do País, que, se, por um lado, não mudam suas missões constitucionais e não lhes indicam uma atitude policial, por outro alertam para um acréscimo ao enfoque tradicional de segurança e defesa nacional.

Assim, permanecem em vigor as estratégias de preparação para defesa externa, a vigilância para a garantia dos poderes constitucionais, a execução das ações complementares de alcance social e até econômico, o que é tão positivo, a participação em forças internacionais de manutenção da paz e a cooperação episódica na segurança pública, em momentos críticos.

Todavia, há que estar em condições de fornecer apoio logístico aos órgãos policiais que investigam e combatem os ilícitos transnacionais e de atuar com o poder de combate necessário, quando se identificarem alvos que o justifiquem. Essas novas ameaças fizeram abrir um espaço, que, eventualmente, será ocupado por nossas Forças Armadas.

A satisfação a que me referi no início tem a ver com a confiança que a própria sociedade deposita nos senhores, reiterada em pesquisas de opinião, e que avalizo como seu Comandante Supremo. É com prazer que tenho visto as avaliações da opinião pública sobre as Forças Armadas. A última que pude compulsar mostra que as Forças Armadas, hoje, têm uma apreciação equivalente à da Igreja Católica e, por bondade do povo, à da Presidência da República. Na verdade, isso é um sinal muito claro de consonância entre o sentimento do País, o sentimento da sociedade e o pensamento e a ação das Forças Armadas.

Eu dizia que essa satisfação em promovê-los, hoje, tem muito que ver com a confiança que a própria sociedade deposita nos senhores. Mas ainda é mais do que isso: é, também, devido à constatação de que as nossas Forças Armadas são, permanentemente, um espelho do País, fiel espelho do País, que se gaba de ver nas suas Forças Armadas a disciplina, o patriotismo, a crença no futuro e um sentimento de desprendimento e de tolerância para com as dificuldades por que todos nós passamos.

Como Presidente da República, talvez eu tenha uma posição especial para avaliar as dificuldades e também o modo pelo qual os diferentes segmentos da sociedade respondem aos desafios do presente.

Quero dar, mais uma vez, aqui, o meu testemunho e o meu reconhecimento, e o faço, nomeadamente, na pessoa dos ministros militares, para dizer que, em nenhum momento, desde que

assumi o Governo da República, senti de parte das Forças Armadas outra vontade que não a de ajudar o País a caminhar no sentido de uma maior capacidade técnica, de maior capacidade para o seu crescimento econômico e de maior justiça na distribuição dos recursos, que são escassos em função do conjunto da população.

Isso que digo não são palavras vazias. Não o digo para agradar os que, eventualmente, estão aqui hoje, mas digo porque é meu dever expressar, perante a Nação, o reconhecimento por ver efetivamente que as nossas Forças Armadas compreenderam, tão bem quanto os melhores, os desafios do Brasil.

Também quero lhes dizer que mantenho uma atitude de tranqüilo otimismo para com o nosso país. Tranqüilo otimismo. Não só temos sido capazes, como nação, de enfrentar desafios imensos, como foi o caso da inflação, como estamos revendo uma série de posições, situações, tradições mesmo, que levaram o Estado brasileiro a não dispor das condições de eficiência que hoje são indispensáveis para o progresso de uma nação.

Estamos reconstruindo esse Estado. Reconstruir o Estado não quer dizer, de maneira nenhuma, substituí-lo por quaisquer outras forças. Não! Quer dizer, dotar o Estado de condições para que ele possa reagir às demandas da sociedade.

O Brasil inteiro está assistindo ao esforço que vamos empreendendo para colocar em ordem as finanças públicas, para colocar em ordem as instituições públicas de crédito e as privadas também. E o sacrifício que isso custa? O Brasil entende que isso é feito porque, se não tivermos a necessária coragem de enfrentar as adversidades e até mesmo a impopularidade, se for o caso; de reconstruir, em base sã, o funcionamento do Estado, a máquina estatal e a sua relação com os setores da economia brasileira e da sociedade brasileira, não poderemos levar adiante a transformação econômica e social do Brasil. E isso se impõe.

Queria, também, lhes dizer que, nesse mesmo estado de espírito de confiança tranqüila quanto ao futuro, vejo que nós estamos conse-

guindo – nós, eu digo, não é o Governo, é a Nação – passar para um outro patamar de desenvolvimento econômico.

Muitas vezes, diante da multiplicidade de ações que o próprio Governo toma e que a sociedade, por sua conta, vai realizando, perde-se a visão do conjunto e perde-se, não raro, a capacidade de ver ou de antever o que será o nosso futuro.

Não tenhamos ilusões. Estamos sofrendo uma mutação como país, mutação que tem a ver com as forças econômicas, mutação que tem a ver com o enraizamento da democracia e mutação que tem a ver com as exigências da sociedade, para maior justiça social. Mas, se não formos capazes de levar adiante essa mutação econômica, não teremos condições para atender às demandas sociais. Elas vêm juntas. Não se trata de que, primeiro, se produzam as mutações econômicas e, depois, as demandas sociais são atendidas. Elas vêm juntas. Mas nós não podemos perder o fio condutor. E o fio condutor é uma grande transformação na nossa base produtiva, uma transformação positiva.

Recentemente, estive visitando o Centro Aramar com o Ministro Mauro César e pude ver o esforço tecnológico ali desenvolvido. Sei que, em vários outros setores das Forças Armadas e da sociedade em geral, estamos, também, sendo capazes de responder a desafios tecnológicos importantes, porque temos que preparar o Brasil para ser um país competitivo em nível global.

Esse é o desafio. Passou a época em que podíamos, pelo nosso tamanho, pelo tamanho da nossa população e pela nossa posição geográfica, imaginar que, fechando-nos, teríamos capacidade de desenvolver o País em benefício do povo. Passou o tempo. Hoje, com o novo sistema de comunicações, com a integração crescente do setor produtivo da economia em nível global, os interesses nacionais – e insisto nisso: são os interesses nossos, nacionais – só serão atendidos se formos capazes de responder a esse desafio, que é global.

Não mais é possível imaginar um desenvolvimento isolado e autárquico. Nenhum país, hoje, por grande ou pequeno que seja, segue esse rumo. E aqueles que tentaram, depois fracassaram. Mas nós estamos sendo capazes de responder a esses desafios.

Hoje, não se trata apenas de fazer mais um investimento no mesmo: é preciso fazer um investimento para mudar a qualidade do sistema produtivo. Isso é bem visível na indústria automobilística, em que, depois de termos, com êxito, conseguido atender à demanda interna e até começado a exportar, tivemos que tomar medidas duras para que os setores produtivos investissem, de modo a mudar o patamar do desenvolvimento tecnológico.

E, hoje, temos que lançar carros em nível global, para exportar para o mundo todo, com tecnologia incorporada na produção, aqui, com capacidade de fazer até o *design* do carro, com capacidade, portanto, de estarmos na linha de frente, competindo, não com cinquenta países, mas com sete ou oito, que são os únicos capazes de ter essa audácia tecnológica e o domínio das técnicas de comercialização, de propaganda, de produção de novos materiais, de reorganização da planta produtiva, de treinamento da mão-de-obra, de organização da estrutura produtiva.

É o que estamos fazendo. Não se trata de medir quantos veículos vamos produzir – 3 milhões, certamente, lá pelo ano 2000 -, mas é outra a dimensão que tem que ser aferida. A dimensão é: produzir de que maneira? Copiando e juntando peças e vendendo, o que todos podem fazer? Ou incorporando a tecnologia? Ou sendo capazes de, efetivamente, estarmos na vanguarda, ou quanto possamos estar nela, competindo com aqueles que melhor produzem?

Esse exemplo, num setor, é válido para todos. E isso impõe reorganização industrial, reorganização do setor de serviços, reorganização do conjunto da sociedade. Há, em certos setores, topicamente, quem perca emprego. E há, noutros, quem ganhe emprego. Isso não quer dizer que o Governo deva olhar só para quem está ganhando emprego e satisfazer-se com médias que são boas. Tem que olhar, também com atenção, para aqueles que estão perdendo. Tem que retreiná-los. Tem de verificar de que maneira se compõe o conjunto nacional, para que possamos atender, nesse mosaico que é o nosso país, as diferentes forças e diferentes pressões e possibilidades do País. Esse é o nosso desafio.

Perdoem se me estendi além do estritamente militar, mas acho que é num contexto de um novo Brasil que eu percebo a participação ativa das Forças Armadas, nos termos em que já me referi. E é por elas terem compreendido esse papel que quero, aqui, de público, agradecer a contribuição que tem sido dada, não só ao Governo, mas ao País por todos os senhores. E quero, também, dizer que é importante, neste momento em que agradeço às Forças Armadas e aos ministros militares, agradecer e me congratular especificamente com os que são promovidos ao generalato, ou que, no generalato, galgam posições maiores hierarquicamente, e compartilhar isso com as famílias.

Agradeço muito às senhoras a presença das famílias aqui, porque isso, certamente, anima e dá mais sentido ainda à dedicação de todos os senhores.

Muito obrigado.